

PE-115 - AUMENTO DAS INTERNAÇÕES POR DOENÇAS INFECIOSAS E PARASITÁRIAS CONGÊNITAS EM MENORES DE 1 ANO NO RIO GRANDE DO SUL

Victória Forest Hoppen¹, Mariana Dall Agnol Deconto¹, Cristiano do Amaral de Leon¹

1 - Universidade Luterana do Brasil, ULBRA.

Introdução: As doenças infecciosas e parasitárias congênitas atingem principalmente populações urbanas de baixa renda com falta de saneamento básico e água segura para beber. Levando-se em conta o crescente processo de urbanização que contribui para a proliferação de doenças infecciosas e parasitárias, devemos atentar para as formas preventivas de combate, que são amplamente evitáveis e conhecidas. **Objetivo:** Analisar o aumento das internações por doenças infecciosas e parasitárias congênitas em menores de 1 ano no Rio Grande do Sul de janeiro de 2017 a dezembro de 2020. **Metodologia:** Trata-se de um estudo transversal, com análise de dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS, disponibilizados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Foram coletados dados sobre as internações por doenças infecciosas e parasitárias congênitas em menores de 1 ano, de janeiro de 2017 a dezembro de 2020. **Resultados:** Tivemos um aumento de 23,2% no número de internações por doenças infecciosas e parasitárias congênitas em menores de 1 ano no estado no período analisado, sendo Porto Alegre responsável por 54,8% das internações nesse período. Apesar de Porto Alegre apresentar decréscimo do número de internações a partir de 2018 até 2020 de 56,2% para 51,7%, as outras regiões somadas apresentaram um aumento de 43,8% para 48,3% nesse mesmo período, que refletiu em aumento do número total de internações. **Conclusão:** Houve um aumento do número de internações por doenças infecciosas e parasitárias congênitas em menores de 1 ano no Rio Grande do Sul, apesar da diminuição do número de internações em Porto Alegre. Estes dados revelam a necessidade de intensificação das ações preventivas de saúde coletiva básica e informações a gestantes sobre os modos de transmissão e controle dos agentes envolvidos nas doenças infecciosas e parasitárias, além de propor uma melhor abordagem no tratamento desses fatores quando identificados no pré-natal.

PE-116 - ALEITAMENTO MATERNO DURANTE A ATUAL PANDEMIA DO SARS-COV-2, RISCO OU PROTEÇÃO PARA O LACTENTE?

Caroline Valcorte de Carvalho¹, Natali Wolschik Dembogurski¹, Darcieri Lima Ramos¹

1. Universidade Federal de Santa Maria, UFSM.

Introdução: Devido a atual pandemia ocasionada pela COVID-19, muito se debate sobre os riscos de infecção pelo SARS-CoV-2 e as vantagens da amamentação aos bebês. Neste aspecto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda o aleitamento materno devido seus benefícios. **Objetivos:** Esse trabalho objetiva analisar se o aleitamento materno protege o lactente contra o SARS-CoV-2 ou se há possibilidade de infecção do bebê através do mesmo. **Metodologia:** Foi realizada uma pesquisa na base de dados PubMed utilizando os descritores "breastfeeding", "COVID-19", "Child", sendo excluídas revisões científicas. Encontrou-se 61 artigos e após a leitura e aplicação do critério de exclusão, selecionou-se 11 estudos. **Resultados:** Os resultados mostraram que o leite de mães infectadas fornece anticorpos IgA e IgG. Neste sentido, foi relatado que o leite materno rico em IgA promove capacidade de neutralização da infectividade do SARS-CoV-2. Além disso, o momento da resposta imunológica da mãe ao vírus interfere na proteção da criança, pois mães em estágios do ciclo viral com maior produção de IgA são capazes de neutralizar o vírus de maneira acentuada, podendo influenciar na proteção que a criança vem a receber através do leite. Ademais, não foram encontradas evidências concretas de infecção pelo vírus através da amamentação. Os textos analisados recomendam a manutenção da amamentação pelas mães infectadas e, se estas estiverem impossibilitadas de realizar o aleitamento diretamente no seio, busca-se oferecer à criança o leite da mãe de maneira ordenhada. **Conclusão:** O leite materno é um aliado na proteção dos bebês por ser uma fonte de anticorpos neutralizantes do SARS-CoV-2, sendo importante fator de proteção pois é capaz de promover redução do impacto clínico de uma possível infecção. Ademais, através desta revisão não foram encontradas evidências concretas de infecção através do aleitamento. Sendo assim, a amamentação durante a atual pandemia deve ser estimulada, como recomenda a OMS.